



UNIRIO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
ESCOLA DE TEATRO

ISBN: 978-65-00-40058-8

XX

COLÓQUIO

DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

A PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES
E OS NOVOS SUPORTES DA CENA

RAPHAEL CASSOU E CARIN LOURO
(ORGS.)



ISBN: 978-65-00-40058-8



9 786500 400588

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

XX Colóquio do PPGAC/UNIRIO (20. : 2020 : on-line)
Anais do XX Colóquio do PPGAC/UNIRIO [livro eletrônico] : a pós-graduação em artes e os novos suportes da cena / Raphael Cassou e Carin Louro, (orgs.). -- Rio de Janeiro, RJ : Raphael Cassou, 2020.

PDF

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-65-00-40058-8

1. Artes cênicas - Brasil - Congressos I. Cassou, Raphael. II. Louro, Carin. III. Título.

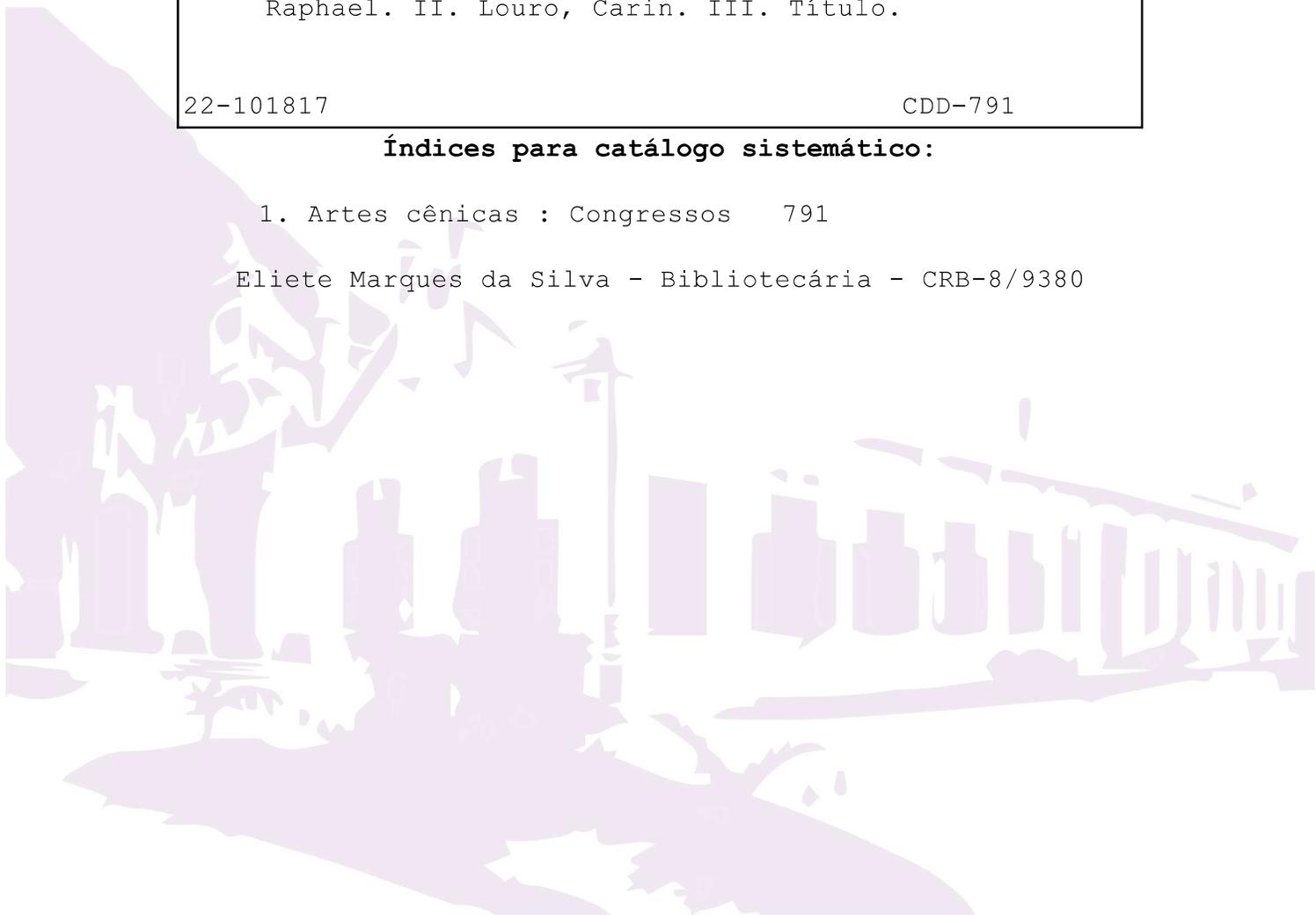
22-101817

CDD-791

Índices para catálogo sistemático:

1. Artes cênicas : Congressos 791

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380





XX

COLÓQUIO

DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS - PPGAC/ UNIRIO

LICONTI, Juliana Lima. **A performance como suporte: experimentações em uma pesquisa performativa.** PPGAC UNIRIO; PCI; Doutorado Acadêmico; Tania Alice Feix; CAPES; juliana.lima.liconti@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0002-6997-9064>

RESUMO

Este texto aborda um modo de pesquisar guiado pela prática da performance no cotidiano, no qual todas as ações de pesquisa são executadas enquanto performance: as cápsulas de vitalidade. Surgidas no contexto da pandemia de COVID-19 como uma tática de re-existência à sobrevivência, produzida pela biopolítica e intensificada na experiência de isolamento social, elas procuram sensibilizar o corpo às potências de vida e instaurar uma aprendizagem inventiva.

Palavras-chave: Biopolítica; Pesquisa somático-performativa; Programa Performativo; Cápsulas de vitalidade.

ABSTRACT

This paper discusses modality of research that is guided by performance practice in everyday life, in which any research action is executed as performance. I call it "the vitality capsules". Originated during the pandemic of COVID-19 as a tactic for re-existing to the surviving-life produced by the biopolitics and intensified by the social isolation experience, those capsules seeks to make the bodies sensible to the biopotency and to develop an inventive learning process.

Keywords: Biopolitics; Somatic-performative Research; Performative Program; The Vitality capsules.



XX

COLÓQUIO

DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS - PPGAC/ UNIRIO

A PERFORMANCE COMO SUPORTE: EXPERIMENTAÇÕES EM UMA PESQUISA PERFORMATIVA

Juliana Liconti

Cara leitora, este texto é um jogo performativo por isso te convido a suspender hábitos de leitura de textos acadêmicos e performar/jogar com estes escritos, como eu fiz, ao escrevê-los.

Pense em um número de 1 a 15. Em seguida, acesse o QR CODE abaixo. Só prossiga com a leitura depois que estiver provida de seu programa.





XX

COLÓQUIO

DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS - PPGAC/ UNIRIO

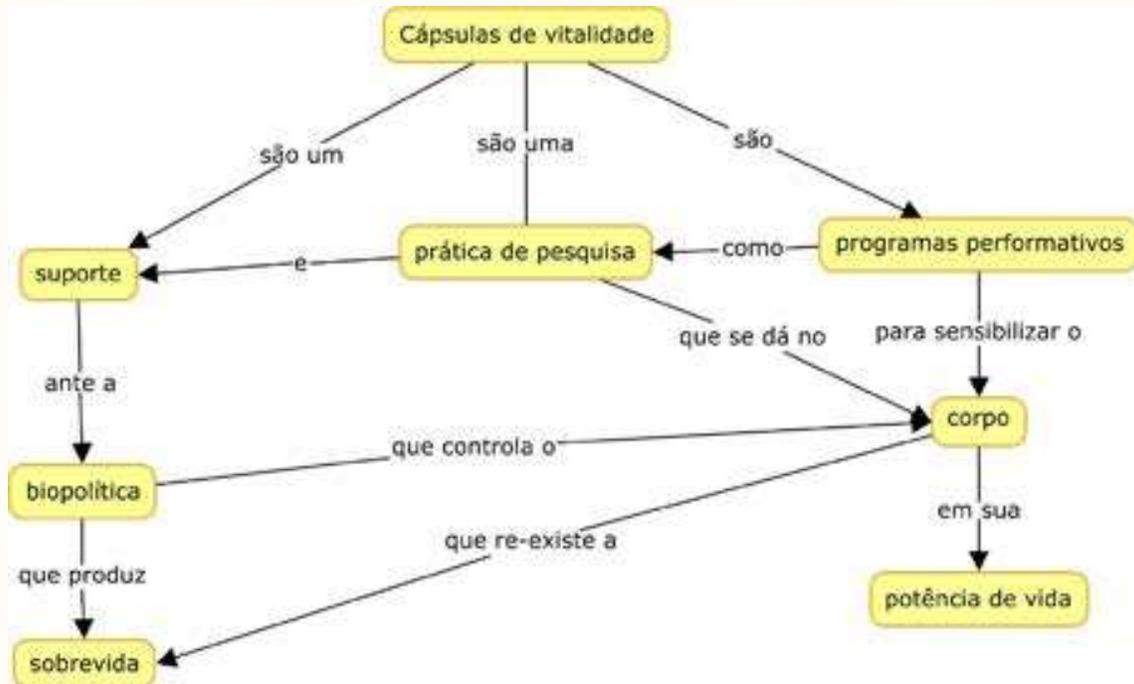


Figura 1. Mapa conceitual. Fonte: Juliana Liconti

Este texto foi escrito com dois programas de escrita – elaborar um mapa conceitual; e gravar uma fala ininterrupta para, na sequência, transcrevê-la. O mapa conceitual me auxiliou a perceber quais são os conceitos e discussões centrais desta escrita. A fala automática, realizada logo após a conclusão do mapa, criou o corpo do texto, organizou as informações aqui presentes.

O programa de leitura que você, leitora, sorteou, junto com os programas de escrita acima mencionados e outros programas inventados para executar diferentes ações de pesquisa como – escrever um texto, ler um livro, apresentar a pesquisa em um evento, preparar uma aula etc. – são o que eu escolhi nomear como cápsulas de vitalidade. Elas são programas performativos, um conceito de Eleonora Fabião (2008) criado para se referir ao enunciado da performance. A autora sugere que seja uma formulação escrita, com verbos no infinitivo, sintética, servindo como ignição da experimentação.

A escolha do termo cápsulas de vitalidade para designar programas performativos criados com o intuito de performar ações de pesquisa se deve ao fato de que, em 2020, ano em que foi decretada a pandemia de COVID-19, logo no início da quarentena meu



XX

COLÓQUIO

DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS - PPGAC/ UNIRIO

estado psicofísico oscilava entre um desânimo, uma exaustão que esvaía qualquer resquício de vontade de levantar da cama, uma apatia, beirando a indiferença, como estratégia para anestesiá-me de mim mesma, e surtos de raiva cada vez que eu acompanhava o noticiário. A sensação era de que a minha capacidade de afetar e ser afetada estava comprometida, como se os afetos estivessem represados sem possibilidade de invenção de outros modos de subjetivação. Para re-existir a esse estado de sobrevida (PELBART, 2007) que estava a me assolar, para me (re)encontrar com a vitalidade, duas experiências foram importantes: a oficina *Performance para Isolados* da professora-performer Thaise Nardim, que teve duração de um mês, entre maio e junho; e o processo de escrita coletiva do texto *Jogo aberto ao desvio sobre/com/em arte*, em junho, no qual tive a oportunidade de trocar com duas amigas pesquisadoras, Milene Duenha e Raquel Purper.

Na oficina, Thaise Nardim oferecia diariamente programas performativos para serem realizados no ambiente doméstico. Eram ações simples que transformavam a minha relação com o espaço. Esta experiência permitiu que eu me reconectasse com um aprendizado que já fazia parte do meu repertório, mas que com o confinamento foi anestesiado e a oficina possibilitou a atualização: cada programa propõe um modo de funcionamento da atenção, diferentes modulações da atenção produzem campos perceptivos distintos (KASTRUP, 2007b), instaurando uma relação singular entre corpo e ambiente, portanto, cada programa proporciona a invenção de um corpo-mundo diferente. Reconectar-me com esse aprendizado foi muito importante, pois compreendi na prática a responsabilidade que possuo pela minha própria experiência, por aquilo que me acontece. Quando eu realizava um dos programas diários, eu percebia uma alteração instantânea em meu estado psicofísico. Escolher fazer um programa me sintonizava com afetos alegres, aumentava a minha potência de agir.

O processo de escrita coletiva foi praticamente concomitante a oficina. As forças estavam convergindo, criando condições para que as cápsulas de vitalidade emergissem. Na primeira reunião, encontramos um campo de questões em comum e também fizemos alguns acordos: nossa escrita aconteceria integralmente por aplicativo de mensagens instantâneas, com momentos de conversa síncrona, no quais, em dias e horários agendados, nos encontraríamos no grupo de comunicação virtual e conversaríamos umas com as outras, conferindo ao texto uma dinâmica dialogada, e momentos assíncronos, nos quais cada uma de nós elaboraria e compartilharia uma reflexão ofertada ao coletivo, como um desdobramento das questões emergentes da conversa.

Eu particularmente sempre tive muita dificuldade em escrever. É comum que eu passe a maior parte do tempo disponível procrastinando e dedique um curto período à escrita. No entanto, com esta escrita foi diferente. O processo foi bastante fluido. As



XX

COLÓQUIO

DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS - PPGAC/ UNIRIO

questões levantadas pelas minhas parceiras me afetavam. Eu sentia forças agindo em mim. Elas gestavam pensamentos ainda disformes. Nesses momentos, eu era tomada por uma urgência em ler. Era como se faltassem palavras e a leitura era um meio de fornecê-las. Assim, guiada pela intuição, os pensamentos disformes ganhavam corpo por meio das palavras. Eu tinha a sensação de que eu era o espaço de acontecimento da escrita, eu era apenas um meio, uma passagem para ela criar para si um corpo no plano das formas.

Após essa vivência, eu me perguntei sobre quais características específicas desse processo acionaram em mim outro modo de operar, no qual a procrastinação não se fazia necessária. Eu faço análise há muitos anos e o que eu tenho percebido no processo terapêutico é que minha procrastinação advém de um medo que eu tenho de não estar à altura das minhas próprias expectativas. Sendo assim, a procrastinação tem a função de me proteger do meu medo, até o momento em que, caso eu decida que quero concluir dado trabalho, eu não tenho outra opção a não ser escrever, pois o prazo está se esgotando. Ou seja, a procrastinação me ajuda a abandonar o meu perfeccionismo, uma eterna sensação de estar aquém do que eu “deveria” ser/fazer.

Para a artista e antropóloga Fernanda Eugenio (2019) os modos operativos hegemônicos deturpam o ciclo da dádiva (dar-receber-retribuir) pela “fixação hierárquica de papéis, corrompendo o dar – tornado privilégio de mandar – e o retribuir – tornado obrigação de obedecer – e eliminando a escuta sensível que operaria o receber enquanto gesto situado e singular” (2019, p. 13), instaurando, assim, dívida/dúvida: eu “deveria” ser/fazer/ter algo que não sou/não consigo/não tenho e, por conseguinte, me coloco em dúvida, duvido da minha capacidade de prosperar porque me sinto em dívida por não corresponder aos modelos ideais preestabelecidos. Portanto, no meu caso, a procrastinação é reprodução da dívida/dúvida implantada pelos funcionamentos hegemônicos.

O biopoder contemporâneo, como explica Pelbart (2007), funciona como um gestor da vida, dela encarregando-se em todas as dimensões, para assim controlá-la, de modo a transformá-la em uma sobrevida, reduzida ao prolongamento da vida biológica, na qual a capacidade de afetar e ser afetada está anestesiada. Qualquer dor, qualquer sensação de interpelação pelo desconhecido é motivo para intervenção medicamentosa, que não se limita a drogas da indústria farmacêutica, mas se estende a drogas da indústria cultural (ROLNIK, 1997). O lócus deste processo é o corpo, que incorporou o biopoder, portanto, se autocontrola, guiando-se por modelos inatingíveis construídos por centrais de distribuição de sentido e valor como a mídia. (ROLNIK, 2007), e, por consequência, colocando-se em dívida/dúvida. Porém, o avesso do biopoder é a potência de vida. Apesar do caráter rizomático daquele, esta cria brechas, escapa por



XX

COLÓQUIO

DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS - PPGAC/ UNIRIO

linhas de fuga (PELBART, 2007). A potência de vida caracteriza-se por essa capacidade de afetar e ser afetada, de experimentar outros modos de ser/agir/viver que subvertem as normatividades sociais, de viver a existência enquanto devir.

Tanto a oficina *Performance para Isolados*, quanto o processo de escrita coletiva, possibilitaram uma sensibilização às potências de vida. Com o início da pandemia, a tendência à reprodução do biopoder se instalou de modo que parecia não haver escapatória. Eu permiti que a captura do ciclo vicioso dívida/dúvida imperasse. Dessensibilizei meu próprio corpo para seguir sobrevivendo, já que parar para escutar e sentir o que se passava comigo parecia excessivamente doloroso. Eu me privei do sentir para me proteger. A oficina me sinalizou que a minha casa é um universo de possibilidades, basta eu me abrir a elas. A escrita coletiva me mostrou que eu não preciso sofrer para escrever, que pode ser uma experimentação, uma brincadeira. E ambas se utilizaram de programas performativos: na oficina, a cada dia um programa era enviado; na escrita coletiva, o nosso acordo de como escrever – conversar de modo síncrono e assíncrono em aplicativo de mensagens instantâneas – embora não tenha sido nomeado como programa, tinha a função de criar um campo comum que nos instigasse à experimentação.

Diante dessas duas vivências, pensei: e se eu criar programas diários para me dedicar às atividades de pesquisa? Naquele mesmo dia criei uma lista de programas de leitura, como a que a leitora teve acesso, e uma lista de programas de escrita. Passei, então, a sortear, a depender da atividade a ser realizada, números dessas listas e realizar os programas correspondentes.

Tirar à sorte tem uma função importante porque me desobriga da escolha, abre espaço para que a reciprocidade corpo-mundo se manifeste, para que as forças invisíveis tenham lugar de agência. O suposto controle de uma situação é uma ilusão, como a pandemia escancara diariamente. Abdicar do controle é um gesto de confiança na sabedoria da vida em se fazer em perpétuo devir. É um gesto de dizer para mim mesma que eu não controlo nada e que isso é uma dádiva. Sortear é como receber do mundo uma graça. Também é um exercício de acolher o que vem e me desprender das expectativas. Não saber me permite experimentar o sabor da imprevisibilidade, me abre para o encontro, me torna vulnerável, pois escolho o risco do descontrole.

Tenho percebido com o saborear das cápsulas de vitalidade essa relação de coengendramento do conhecimento como produção de si e do mundo (KASTRUP, 2007b). A experiência de ler um texto de cabeça para baixo produz um corpo-mundo com determinados possíveis e é radicalmente diferente de ler para a minha mãe, ou cantar as palavras como se fosse música. Instaura-se uma relação singular de aprendizagem.



XX

COLÓQUIO

DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS - PPGAC/ UNIRIO

Tem sido uma prática de liberdade porque torna o pesquisar divertido. Em sociedades como a brasileira, cuja hegemonia é branca, capitalista, patriarcal, cisheteronormativa, tudo que é socialmente validado como importante precisa ser levado com seriedade, não há espaço para brincadeira. As cápsulas de vitalidade também têm proporcionado um modo de pesquisar divertidamente comprometido. A seriedade não é necessariamente sinônimo de rigor. Estou (re)encontrando o prazer no pesquisar, pois as vezes a cobrança das instituições, somada a autocobrança (dívida/dúvida) tornam o ato de pesquisar uma obrigação carregada de sofrimento.

As cápsulas de vitalidade são minha tática de re-existência, meu suporte ante a biopolítica, mas isso não significa que estou imune ao biopoder, pelo contrário, é um exercício contínuo de reparar (enquanto percepção e restauro) a hegemonia em mim. Muitas vezes sucumbo à dívida/dúvida e preciso fazer um grande esforço para praticar um programa. Nestes momentos, busco confiar na magia da performance em transformar corpo-mundo e, de repente, já sou outra, altera-se a disposição psicofísica emergente das relações corpo-ambiente e, assim, consigo desfrutar a impermanência da vida.

Também tenho entendido as cápsulas de vitalidade como um modo de pesquisar guiado pela prática da performance no cotidiano, no qual todas as ações de pesquisa são executadas enquanto performance, portanto, uma pesquisa performativa (HASEMAN, 2015), ou talvez seja mais preciso dizer, uma pesquisa somático-performativa (FERNANDES, 2014), pois se trata de uma prática somática, isto é, que tem como foco o corpo em ação, o corpo em experiência, em relação de reciprocidade com o mundo.

Quando eu tive "a força de estar à altura da minha própria fraqueza" (PELBERT, 2007, p.63) eu me sintonizei com as cápsulas de vitalidade, possibilitando que a performance fosse muito mais que meu objeto de estudo, mas meu suporte, minha cura, enquanto devir, transformação de mim mesma, colocando em movimento a dívida/dúvida e acionando o funcionamento da dádiva como gesto de inseparabilidade do corpo-mundo.



XX

COLÓQUIO

DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS - PPGAC/ UNIRIO

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

EUGENIO, Fernanda. **Caixa-Livro**. Rio de Janeiro: Fada Inflada, 2019.

FABIÃO, Eleonora. Performance e teatro: poéticas e políticas da cena contemporânea. **Sala Preta**, São Paulo, n. 8, p. 235-246, 2008. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.22383867.v8i0p235-246>>. Acesso em: 13 mar. 2014.

FERNANDES, Ciane. O avesso da travessia: espaçotempo somático-performativo. **eRevista Performatus**, Inhumas, ano 2, n.9, mar. 2014. Disponível em: <<https://performatus.com.br/estudos/o-avesso-da-travessia-o-espacotempo-somatico-performativo/>>. Acesso em: 12 fev. 2020.

HASEMAN, Brad. Manifesto pela pesquisa performativa. In: SILVA, Charles Roberto et al (org.). **Resumos do 5º Seminário de Pesquisas em Andamento PPGAC/USP**. São Paulo: PPGAC-ECA/USP, 2015. p. 41-53.

KASTRUP, Virgínia. **A invenção de si e do mundo**: uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição. Belo Horizonte: Autêntica, 2007a.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 15-22, abr. 2007b. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-71822007000100003>>. Acesso em: 3 mar. 2014.

PELBART, Peter Pál. Biopolítica. **Sala Preta**, São Paulo, v.7, p. 57-65, nov. 2007. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2238-3867.v7i0p57-66>>. Acesso em: 3 jun. 2014.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina, 2007.

ROLNIK, Suely. Toxicômanos de Identidade. Subjetividade em tempo de globalização. In: LINS, Daniel (org.). **Cultura e Subjetividade**: Saberes Nômades. Campinas: Papyrus, 1997. p. 19-24.